

**A ANTIGUIDADE CLÁSSICA  
NA OBRA DE RICARDO REIS:  
DA *RECENSIO* À PROPOSTA DE EDIÇÃO COMENTADA**

*Jorge Henrique Nunes Pinto* (UERJ/UFRJ)  
[aerhort@gmail.com](mailto:aerhort@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Nas obras de Ricardo Reis, encontramos uma faceta das diversas fontes de influência de Fernando Pessoa profundamente ligada à cultura clássica, não só no que tange à mitologia, mas também ao rebuscamento linguístico típico do latim clássico e aos sistemas filosóficos helênicos que se fazem presentes e claramente notáveis a qualquer leitor atento da obra do heterônimo.

Tendo em vista a vasta quantidade de referências, nas poesias, à Antiguidade Clássica em vários domínios da língua (semântico, sintático, lexical etc.), pretendemos, com o presente trabalho, oferecer alguns subsídios para promover a realização de uma edição comentada de toda a obra poética de Ricardo Reis, com o intuito de aclarar para o público leigo e o não especializado na cultura greco-romana, a interpretação dos poemas, expandindo, assim, o alcance da rica obra de Reis e facilitando sua compreensão mais profunda.

Estabeleceremos um confronto de duas edições virtuais da obra de Ricardo Reis de modo a investigar possíveis contradições, alterações e diferenças para descobrirmos a existência de variantes. Adotaremos, como versão padrão, a que acreditamos ser a mais consagrada e aceita da obra de Pessoa para a nossa análise inicial: a “Obra Poética” da editora Nova Aguilar.

Exemplificaremos nossa hipótese por meio de análises de alguns poemas selecionados e explicações das referências clássicas de natureza léxico-semântica.

***1. Desenvolvimento***

Começaremos nossa explanação mais alongada da proposta do trabalho por uma definição de conceitos básicos da filosofia he-

nística, necessários à compreensão das análises posteriores. É mister ter em mente os seguintes conhecimentos:

Epicurismo – desenvolvido por Epicuro de Samos, propunha o prazer contínuo como o único caminho para a felicidade, não sendo admissíveis quaisquer traços de dor e sofrimento que a perturbassem. Não se deve confundir com o hedonismo, pois o epicurista buscava o prazer sereno e tranquilo, harmonizando-se com a natureza.

Estoicismo – sistema filosófico fundado por Zenão de Cicio na Grécia e levado a Roma em meados do século II a. C, seguido notavelmente por Sêneca e Marco Aurélio. Pregava que os homens deveriam viver conforme a natureza e se conservarem imperturbáveis e apáticos diante das paixões e sofrimentos da vida. Busca essencialmente a virtude.

As demais noções mitológicas, culturais e linguísticas serão explicadas com o decorrer das análises.

### **1.1. Fundamentos teóricos**

Valendo-nos das definições dos diversos tipos de edição apresentadas em “A Ecdótica: Arte e Técnicas da Edição de Textos”, por José Pereira da Silva, optamos pela subclassificação “Edição anotada é aquela cujo texto se faz acompanhar de notas destinadas a esclarecê-lo ou atualizá-lo” para nossa proposta de edição da obra poética de Ricardo Reis, por ser a que se mostra mais consoante a nosso objetivo de tecer comentários explicativos de modo a eliminar a obscuridade de toda a obra.

Realizamos, de acordo com os passos descritos por Leodegário A. de Azevedo Filho (1987, p. 17), um confronto e comparação de duas publicações online das obras de Ricardo Reis. Transcrevemos dois exemplos de variações encontradas nas poesias:

De Apolo o carro rodou pra fora  
Da vista. A poeira que levantara  
Ficou enchendo de leve névoa  
o horizonte;

(Fonte: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/reis.html>)

De Apolo o carro rodou pra fora  
Da vista.  
A poeira que levantara  
Ficou enchendo de leve névoa o horizonte;

(Pessoa revisitado - Fonte: <http://www.cfh.ufsc.br/~magno/>)

Cada dia sem gozo não foi teu  
Foi só durares nele. Quanto vivas  
Sem que o gozes, não vives.

Cada dia sem gozo não foi teu  
Foi só durares nele.  
Quanto vivas Sem que o gozes, não vives.

## 1.2. Levantamento de corpus

Aqui, Neera, longe  
De homens e de cidades,  
Por ninguém nos tolher  
O passo, nem vedarem  
A nossa vista as casas,  
Podemos crer-nos livres.  
Bem sei, é flava, que inda  
Nos tolhe a vida o corpo,  
E não temos a mão  
Onde temos a alma;  
Bem sei que mesmo aqui  
Se nos gasta esta carne  
Que os deuses concederam  
Ao estado antes de Averno.  
Mas aqui não nos prendem  
Mais coisas do que a vida,  
Mãos alheias não tomam  
Do nosso braço, ou passos  
Humanos se atravessam  
Pelo nosso caminho.  
Não nos sentimos presos  
Senão com pensarmos nisso,  
Por isso não pensemos  
E deixemo-nos crer  
Na inteira liberdade  
Que é a ilusão que agora  
Nos torna iguais dos deuses.

De Apolo o carro rodou pra fora  
Da vista. A poeira que levantara  
Ficou enchendo de leve névoa o horizonte;

A flauta calma de Pã, descendo  
Seu tom agudo no ar pausado,  
Deu mais tristezas ao moribundo  
Dia suave.

Cálida e loura, núbil e triste,  
Tu, mondadeira dos prados quentes,  
Ficas ouvindo, com os teus passos  
Mais arrastados,

A flauta antiga do deus durando  
Com o ar que cresce pra vento leve,  
E sei que pensas na deusa clara  
Nada dos mares,

E que vão ondas lá muito adentro  
Do que o teu seio sente cansado  
Enquanto a flauta sorrindo chora  
Palidamente.

Cada dia sem gozo não foi teu  
Foi só durares nele.  
Quanto vivas sem que o gozes, não vives.  
Não pesa que amas, bebas ou sorrias:  
Basta o reflexo do sol ido na água  
De um charco, se te é grato.  
Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas  
Seu prazer posto, nenhum dia nega  
A natural ventura

No ciclo eterno das mudáveis coisas  
Novo inverno após novo outono volve  
À diferente terra  
Com a mesma maneira.  
Porém a mim nem me acha diferente  
Nem diferente deixa-me, fechado  
Na clausura maligna  
Da índole indecisa.  
Preso da pálida fatalidade  
De não mudar-me, me infiel renovo  
Aos propósitos mudos  
Morituros e infindos.

### 1.3. Análises

No poema “Aqui, Neera, longe”, identificamos a presença dos vocábulos diretamente ligados à literatura latina: Neera, flava e Averno. Para iniciar as devidas explicações acerca destes vocábulos, utilizaremos o seguinte fragmento do artigo do Professor Dr. Antônio Manuel Ferreira (2001, p. 258), da Universidade de Aveiro:

Os três nomes femininos que surgem nas odes de Ricardo Reis – Lídia, Neera e Cloe – provêm da poesia de Horácio, e constituem elementos textuais significativos, pois são nomeadas muitas vezes, cabendo a Lídia o maior número de referências. Na poesia de Horácio, as três mulheres têm figuras distintas, porque também é diferente o tom de voz que o poeta assume. Cloe é a rapariguinha amedrontada e imatura, receosa das intenções masculinas mais libidinosas; Neera é a mulher insinuante e enganadora, e Lídia é uma mulher cuja experiência permite ao poeta uma gama de sentimentos bastante matizada.

Assim sendo, julgamos ser justificável e lícito definir devidamente a origem da personagem Neera de modo a situar o leitor acerca de sua presença na poesia de Ricardo Reis em diálogo com as odes horácianas.

Da mesma forma, o Averno é o antigo nome de uma cratera perto de Cumas, onde se acreditava estar a entrada do reino dos mortos, o Hades, minuciosamente descrito por Virgílio no Livro VI da Eneida.

Transcrevemos abaixo o verbete *flavus* do Dicionário Latinoportuguês de Amós Coêlho da Silva e Airo Ceolin Montagner (2007, p. 165), de modo a elucidar o significado de “flava” na poesia:

**flavus**, a, um, adj.: flavo, amarelo, cor de ouro; louro

Para melhor organização e método, identificamos, no que tange ao léxico, três subdivisões que englobam as diferentes utilizações vocabulares de Ricardo Reis e que serão devidamente corroboradas pela análise das poesias seguintes:

Uma utilização mitológica estrita, expressando-se pelas figuras dos diversos deuses, ninfas e demais seres da mitologia, lugares (como o Averno) etc.

Uma utilização dialógica, estabelecendo a intertextualidade com Horácio, através das personagens Cloe, Lídia e Neera, repeti-

damente tratadas de um modo particular e não meramente imitativo, o que será oportunamente desenvolvido.

Uma utilização de latinismos, sob a forma de vocábulos estranhos à língua portuguesa corrente, oriundos da vertente clássica do latim, como forma de demonstrar erudição. Aconselha-se serem notificados, na proposta edição, com a devida sinonímia e preferencialmente acompanhados do verbete de um dicionário latino-português de reconhecida envergadura.

Estas seriam as considerações básicas para facilitar a leitura da poesia, mas, para uma análise mais profunda, podemos explicar o gosto particular de Reis por posicionar o verbo no fim da oração como tendo origem clássica. Para explicitar o nosso paralelo, recorremos à dissertação de Mestrado de José Mário Botelho (2007, p. 14), que nos ensina conhecimentos básicos da sintaxe latina:

Por conseguinte, a ordem dos termos na frase não se fazia obrigatória, não obstante uma padronização na colocação dos termos, mormente na prosa, em que prevalecia uma ordem natural da língua latina, visto que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo.

E não só o verbo, mas, como nos primeiros versos da poesia

Aqui, Neera, longe  
De homens e de cidades,  
Por ninguém nos tolher  
O passo, nem vedarem  
A nossa vista as casas,  
Podemos crer-nos livres

toda a oração principal aparece posicionada no fim da estrofe, revelando o deslocamento da ideia e uma inversão tipicamente da erudição clássica.

Ao fim da poesia exemplificada, cremos estarem corroboradas as ideias de impotência do homem perante o curso da vida (Se nos gasta esta carne/Que os deuses concederam) e a distância à atividade racional pelo sentido do verbo "pensar" como um ato de pensar reflexivo, racional, em oposição à "crer".

Passemos, agora, ao poema seguinte, "De Apolo".

Percebemos, neste caso, no primeiro verso o sintagma “o carro de Apolo”, apresentado invertido, e que urge ser devidamente explicado. Quando deixou a Grécia para ir ao país de sua mãe, Hiperbóreas, Apolo realizou uma longa viagem em um carro alado puxado por dois cisnes que viajava sobre as nuvens.

Na interessante interpretação do Professor Dr. Jairo Nogueira Luna, num artigo de 2008, vemos o seguinte:

Apolo, como um deus solar, que dirige o carro do Sol, funciona no poema como o marcador do tempo imediato, aquele que determina ou pelo qual se tem acesso ao conhecimento do ritmo da Natureza

Filho de Mercúrio e da ninfa Dríope, Pã, o deus dos bosques e dos pastos, percorrendo um dia o monte Liceu, encontrou a ninfa Syrinx, a quem disse, segundo as palavras de Ovídio: "Cedei, formosa ninfa, aos desejos de um deus que pretende tornar-se vosso esposo". Fugindo, pediu às ninfas dos rios que a transformassem em bambu. Realizado o desejo, quando Pã a tentou agarrar, só havia o bambu e o som do ar atravessando-o. Encantado, o deus uniu bambus de diversos tamanhos e produziu o lendário e antiquíssimo instrumento de sopro, dando-lhe o mesmo nome da ninfa que perseguiu.

Até agora, temos tratado especialmente dos aspectos lexicais da obra poética, elucidando os significados que possam parecer obscuros ou não tão profundamente conhecidos pelo senso comum, como no caso do mito da Flauta de Pã, do qual muito se ouve falar, mas talvez não com a profundidade devida.

Passaremos, então, a analisar questões menos explícitas da poesia de Ricardo Reis, identificando aspectos concernentes a sistemas filosóficos helênicos, já devidamente definidos no princípio do trabalho, e que, para o melhor entendimento da obra, devem ser claramente expostos ao leitor.

Utilizaremos, devido à proporção pouco extensa do trabalho, alguns exemplos mais conhecidos e neles nos concentraremos, deixando, para um momento mais oportuno, a análise mais rigorosa, extensa e exaustiva, rica e completa em exemplificações com a obra completa.

No terceiro poema, a utilização do vocábulo “gozo” e do verbo de mesma raiz “gozes” carregam uma carga semântica repleta de

influência da civilização helênica no que tange ao diálogo estrito com os sistemas filosóficos já descritos. A ideia contida no primeiro verso está em perfeita consonância com o que definimos ser o Epicurismo pela estrita necessidade do gozo para que o dia “seja teu”. Devemos entender a aplicação do pronome possessivo ao dia como uma aproximação para o ser vivente, a aproximação do dia – ou seja, das experiências -, a posse, que pressupõe controle, perfeito domínio da sua própria experiência cotidiana, de tal forma que um cidadão só possui o dia, ou seja, só domina as suas próprias experiências, com controle de sua própria vida, se obtiver prazer. Senão, “foi só durares nele”, houve tão somente uma experiência passiva e descontrolada, no sentido literal.

Julgamos ser este exemplo poético uma das mais perfeitas definições, e extremamente sintética, da filosofia epicurista. Na estrofe segunda, é evidenciado o caráter simples, tranquilo e sereno do gozo idealizado, tratado na primeira, sendo, inclusive, indicado pelo próprio eu lírico exemplos deste gozo não hedonista.

A última estrofe é iniciada por um verso que guarda em si um dos melhores exemplos da utilização extremamente tradicional dos elementos sintáticos por Ricardo Reis. “Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas” nos mostra a utilização de “o” à maneira dos demonstrativos latinos *ille, illa, illud*, transmitidos às línguas neolatinas simultaneamente como artigo (o/a; lo/la) e pronome (o, a), de tal sorte que a melhor forma de transmitir a mensagem do verso seria “feliz é aquele a quem, por ter em coisas mínimas”.

Por fim, demonstraremos, com o último exemplo poético, uma intensa expressividade estoica, evidente pelo vocábulo “diferente”, utilizado pelo poeta para se referir à incapacidade do movimento das estações (inverno – outono como ciclo de tempo, evolução, mudança natural que, logo, pressupõe diferença) para modificá-lo. O poeta revela sua apatia e nula perturbação diante do tempo – “fatalidade/ De não mudar-me”.

## 2. Conclusão

Procuramos estabelecer os movimentos iniciais no sentido de proceder a uma análise completa da obra poética de Ricardo Reis nos âmbitos lexicais, semânticos e sintáticos. Recorremos à corroboração nos concedida pela tradição Clássica helenístico-romana que muito influenciou os aspectos linguísticos e temáticos do heterônimo, levantando a necessidade, ou menos presunçosamente, a validade e o auxílio que prestaria ao público uma edição comentada da obra, de modo a desvendar as obscuridades de remota origem.

Como culminância do nosso trabalho elementar, que começou por se limitar a uma pesquisa dos aspectos sintáticos, lexicais e semânticos de Reis, apresentamos o desejo de propor, em um momento que esperamos não tardar, um glossário dos latinismos de sua obra completa, com a explicação mais competente e sucinta quanto possível, um levantamento de dados biográficos tanto de Pessoa quanto de Reis, seguido de apontamentos que julgarmos úteis para a melhor apreciação das poesias e, então, forneceremos bases mais concretas em cima das quais será possível a organização de nosso objetivo final: uma edição comentada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

BOTELHO, José Mário. O comportamento estilístico-sintático das formas verbo-nominais em odes horacianas. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERREIRA, Antônio Manuel. *As vozes de Lúcia. Agora. Estudos Clássicos em Debate* 3, 2001, p. 247-268. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/L%C3%ADdia.pdf>

LUNA, Jairo Nogueira. Alguns aspectos do uso da mitologia nas odes de Ricardo Reis. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=51029&cat=artigos&vinda=s>

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

SILVA, Amós Coêlho da; MONTAGNER, Airto Ceolin. *Dicionário Latino-português*. Rio de Janeiro: Ingráfica Editorial, 2007.

SILVA, José Pereira da. A ecdótica: arte e técnicas da edição de textos. In: [\*Anais do III Congresso Nacional de Linguística e Filologia\*](#). Disponível em:  
<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF39.html>